



LITURGIA COMO MEIO DE UNIDADE NA IGREJA

Júlio César Adam¹

Considerações iniciais

Quando vamos ao culto principal da comunidade, como sabemos que estamos participando de um culto evangélico, um culto da IECLB? Faço esta pergunta, porque aqui e ali se ouve membros da igreja que não se sentem identificados com o culto onde participam. “Não reconheço mais minha igreja a partir da liturgia”, dizem. O que, afinal, caracteriza um culto da IECLB? É necessário que haja uniformidade no culto da igreja?

Para responder a estas perguntas, convido você leitor/a para tomar um barco comigo e navegar no rio do culto cristão, remando rio acima, à procura daquilo que caracteriza o culto da IECLB e assim buscar pelos elementos e formas através das quais podemos identificar um culto da IECLB. Vemos que a IECLB não forma um rio separado, mas seu culto faz parte do grande rio do culto cristão. Ao longo desse rio, vamos parando em alguns portos ou pequenos afluentes, ou simplesmente observando o rio, suas águas, seu curso e suas margens.

Iniciando a viagem, partimos o culto da IECLB, nos dias de hoje. Talvez levemos um susto diante da variedade de formas de celebrar. Na região onde moro, há várias comunidades da IECLB e cada uma tem algo bem próprio nas suas liturgias: cultos que utilizam a antiga liturgia prussiana; cultos sem uma ordem litúrgica fixa e sem os clássicos elementos litúrgicos, como o *Kyrie eleison*, o *Glória in excelsis*, o Aleluia, o Credo Apostólico; cultos livres, com um momento de louvor no início do culto, seguido de pregação, compromisso e oração; cultos que seguem partes da liturgia do Livro de Culto,² cultos que seguem totalmente a proposta do livro e cultos que a rechaçam totalmente. Na maioria dos cultos, a Eucaristia ou Ceia do Senhor acontece apenas uma vez por mês, mesmo que a recomendação do Livro de Culto seja que ela ocorra semanalmente. As diferenças não param na ordem litúrgica. Quanto aos textos bíblicos lidos, segue-se ou não o lecionário da igreja,³ havendo igualmente uma liberdade na escolha da base bíblica para a pregação. Quanto às vestes e aos símbolos, também há muitas diferenças: uso e não uso de veste litúrgica, de paramentos, de velas, do círio pascal, entre outros símbolos. Quanto à música, também há uma diversidade de hinários, cancionários e cânticos, de instrumentos musicais e do uso de diferentes recursos tecnológicos-midiáticos. Estas diferenças estão relacionadas, muitas vezes, a opções pessoais, geralmente do/a ministro, em conexão ou não com movimentos e linhas teológicas da igreja. Imagino que esta diversidade de culto e de outras formas cúlticas, como o Batismo, seja uma realidade na IECLB em nível nacional.

¹ Júlio César Adam é pastor da IECLB e professor adjunto de Teologia Prática, na Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, Brasil. julio3@est.edu.br.

² Liturgia oficial da IECLB desde 2003. IECLB. *Livro de Culto*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

³ IECLB. *Lecionário comum revisado da IECLB*. São Leopoldo: Oikos, 2007.

Subindo mais um pouco no rio, chegamos em um porto importante para o culto da IECLB: O Livro de Culto, o qual já anunciamos acima, em uso desde 2003. Este recurso litúrgico é resultado de um processo de mais de vinte anos de pesquisa, reflexão e experimentação sobre liturgia e culto, processo que se caracteriza como uma renovação litúrgica.⁴ O resultado foi implementado como livro de culto por incumbência do Concílio Geral da Igreja, em 2000 e trata-se, portanto, da liturgia oficial da igreja. A construção do livro levou em consideração as tradições litúrgicas que já faziam parte da história litúrgica da IECLB, a confessionalidade luterana, mas também contribuições ecumênicas a partir das principais tradições litúrgicas do grande rio do culto cristão. Além disso, outro elemento importante nesta proposta, é a preocupação por uma liturgia mais contextual, inculturada e mais participativa, princípio alimentado, principalmente, por estudos da Federação Luterana Mundial.⁵ Levando em conta todas estas diferentes fontes, esta liturgia é a primeira proposta de culto construída de fato em terras brasileiras.

Como vemos, o Livro de Culto não surgiu a partir do nada. Seguindo a autêntica tradição luterana de conservar a tradição, mas também inová-la criticamente.⁶ O livro propõe uma ordem litúrgica como modelo, mas adota o princípio da moldagem litúrgica, ou seja, a partir do conhecimento dos elementos e das partes do culto e suas funções, a comunidade pode moldar suas liturgias. Também, por isso, foi concebido não uma agenda, mas como livro aberto em forma de pasta arquivo, com um cd-room e um vasto acervo de recursos litúrgicos, algo que, de certa forma, estimula uma certa variedade na moldagem litúrgica de cada comunidade. Mesmo com esta variedade e liberdade, um dos motivos para a confecção do livro é a promoção da unidade.

Subindo um pouco mais acima no rio do culto, nos encontramos com uma grande diversidade litúrgica nas origens da IECLB. Segundo os relatos, sabemos que as pessoas imigrantes trouxeram na bagagem suas Bíblias, hinários e pequenas ordens de culto, de acordo com a região e a igreja da qual provinham na Europa. Mais tarde, as diferentes igrejas passaram a enviar pastores para as novas comunidades, os quais também traziam para o Brasil as liturgias usadas em suas igrejas e tradições, como a Liturgia Prussiana e a Liturgia Bávara.⁷ Percebemos, então, que desde o início há uma diversidade de propostas e ordens litúrgicas nas comunidades e sínodos que constituíram a igreja.⁸ Outras propostas litúrgicas, como as formas litúrgicas mais livres dos movimentos evangélicos e pietistas, também marcaram a liturgia e a música da IECLB.

Agora vamos navegar por mais tempo e chegar num grande porto, 500 anos atrás: a Reforma de Martim Lutero. Aqui temos elementos muito importantes para entendermos nosso culto e a necessidade ou não de unidade litúrgica. A Reforma tem como base fundamental uma nova maneira de entender as Escrituras: Jesus Cristo é o centro das Escrituras e a justificação por graça e fé perpassa toda a Bíblia. Com base nesta perspectiva, o culto foi reformado. O culto não é algo que a comunidade e as pessoas fazem para Deus, mas é obra de Deus em nós, através da Palavra e do Sacramento, eliminando com isto qualquer vestígio de uma concepção sacrificial. No culto, sempre de novo, Jesus vem a nós, comunidade marcada pelo pecado, por meio da Palavra,

⁴ KIRST, Nelson. Renovação litúrgica: experiências recentes na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Tear – Liturgia em Revista*, São Leopoldo, n. 24, p. 5-16, dezembro de 2007.

⁵ Exemplos: FLM. *O culto luterano: material de estudo*. São Leopoldo: Sinodal, 1982; STAUFFER, Anita. S (Org.). *Diálogo entre culto y cultura*. Genebra: FLM, 1994.

⁶ Sobre a marca da conservação e da crítica na tradição litúrgica luterana, ver: LATHROP, Gordon W. Culto no contexto luterano. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. A Eucaristia. In: SCHMIDT-LAUBER, H.-C. et al. (Orgs.) *Manual de Ciência Litúrgica*. v. 1. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2011. p. 220-233.

⁷ IECLB, 2003, p. 16-22.

⁸ ADAM, Júlio César. *Liturgia com os pés: estudo sobre a função social do culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 294-296.

criando, mantendo e aprofundando a fé da comunidade. Por isto, a palavra alemã “*Gottesdienst*” consegue tão bem dizer o que é o culto evangélico: serviço de Deus aos seres humanos e serviço da comunidade à humanidade perante Deus. Lutero define o culto assim: “Que o nosso querido Senhor fale, ele mesmo, conosco por sua santa palavra e que nós, por nossa vez, falemos com ele através da oração e do canto de louvor.”

Vasculhando este porto da Reforma, descobrimos que Lutero, mesmo tendo proposto duas ordens litúrgicas, a *Formula missae et communionis* (Formulário da missa e da comunhão) de 1523 e a *Deutsche Messe* (Missa Alemã) de 1526, estava muito mais preocupado em conservar a missa, fazendo as mudanças litúrgicas necessárias e oferecendo princípios para a confecção e validade de ordens litúrgicas, sendo que a doutrina da justificação funcionava como base principal.

Quais seriam estes princípios? (1) a liberdade evangélica (“não façam da ordem litúrgica uma lei compulsória, nem comprometam ou prendam a consciência de ninguém”), que encontra seu limite (2) no amor (“Nos casos, portanto, em que as pessoas se escandalizam ou ficam confusas com toda a diversidade de práticas, temos efetivamente o dever de restringir a liberdade”). Acrescentam-se a estes (3) a unidade (“Mas seria muito recomendável que em cada região o culto fosse celebrado de modo uniforme, e que os lugarejos e as aldeias circunvizinhos procedessem da mesma forma como a cidade mais próxima”) e (4) ordem (“é algo exterior”, “nenhuma ordem vale ou vigora por si mesma, [...] mas a vida, o mérito, a força e a virtude de todas as ordens está no uso adequado”)⁹. Liberdade, amor, unidade e ordem são, pois, princípios para o culto evangélico.

E a viagem rio acima não para na Alemanha de 1517. A caminhada de renovação litúrgica, da qual falamos no início, nos leva a continuar rio acima, a remar por mais mil e quinhentos anos de trajetória no grande rio do culto cristão, chegando até as vertentes principais do culto, o culto das primeiras comunidades e o culto do tempo neotestamentário.¹⁰ Na nascente, descobrimos o autêntico culto cristão nasce em Jesus Cristo. Sua vida, morte e ressurreição é a base de toda a liturgia. Se a liturgia é um grande rio, certamente Jesus Cristo é a água que nele corre. As primeiras pessoas cristãs moldaram a liturgia relendo a vasta tradição litúrgica judaica a partir de Jesus Cristo, articulando o culto baseado na Palavra, na Eucaristia e no Batismo. Diversidade e unidade, conservação e renovação crítica fazem, portanto, parte do culto desde sempre.

Respondendo às questões acima, o culto da IECLB, como parte do rio do culto cristão, se caracteriza desde sempre pela diversidade e pela unidade. Livre dos apelos e modismos consumistas dos nossos tempos, deve ser um culto que toma por base a ampla e rica tradição litúrgica da Igreja, sem medo de ser ecumênico e contextual; deve zelar pela clareza da palavra e pela participação ativa da comunidade; considerar a liberdade evangélica como critério para pensar sua forma, desde que, por amor, não fira a fé e a sensibilidade de pessoas e da comunidade; e preservar a ordem litúrgica com vistas à unidade da Igreja.

Culto é aqui concebido como encontro que congrega Deus e um grupo de pessoas, bem como estas entre si. O sujeito do culto é Deus. Deus vem ao encontro da comunidade (Mt 18.20), e Deus de fato ordena que o culto aconteça (1Co 11.24-25: “faizei isto”). O encontro é ação de Deus. As pessoas reagem e aceitam o convite de Deus. Nesse encontro, elas ouvem sua vontade (Palavra de Deus), comungam na sua mesa (Ceia do Senhor) e realizam comunhão entre si. A Deus dirigem oração, adoração, louvor, evidenciam sua disposição de

⁹ SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. A Eucaristia. In: SCHMIDT-LAUBER, H.-C. et al. (Orgs.) *Manual de Ciência Litúrgica*. v. 2. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2013. p. 41.

¹⁰ KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal/ASTE, 1998. p. 119-141.

assumir o compromisso da fé, e saem do culto para testemunhar a fé e para servir ao Senhor no contexto em que estão inseridas.¹¹

Quanto à unidade litúrgica, podemos dizer o seguinte: a) Independente da linha teológica ou da espiritualidade, o culto da IECLB tem um conjunto de elementos e formas herdados da longa, vasta e rica tradição cristã, que o caracterizam e auxiliam a comunidade no encontro com Deus. A manutenção crítica da tradição não é um mero capricho ou gosto de alguém, de um grupo ou de uma igreja, mas depreende-se da compreensão de que a liturgia da Igreja foi sendo moldada ao longo dos séculos como expressão da fé criada e mantida pelo Espírito. b) Pelo princípio sinodal da IECLB, comunidades se dispõem a caminharem juntas como igreja, o que nos compromete a uma liturgia que crie identidade, ordem e unidade. Membros do norte deveriam participar de cultos no sul, e vice-versa, e perceber as diferenças contextuais, culturais e locais na liturgia, mas deveriam sentir-se participando de um culto cristão que os identifique com a IECLB; c) A liturgia do culto da comunidade não é decisão apenas do ministro/a, mas de toda a comunidade, a qual ele pertence. Dessa forma nenhum membro deveria sentir-se estranho no seu próprio culto. d) A diversidade e a liberdade litúrgica são marcas fundamentais não só da Reforma, mas da tradição litúrgica como um todo. A diversidade e a variedade de formas enriquecem o culto e a vida espiritual, reflete os diferentes dons e a dinâmica do Espírito. Em uma igreja como a IECLB, o culto vai ser expressão de diferentes espiritualidades, seja evangelical, tradicional, sócio-política, jovem, contemporânea, etc. Mesmo assim, a unidade da igreja deve ser perceptível no e através do culto, nos diferentes contextos, através dos elementos e formas da ordem litúrgica, dos textos lidos e pregados, dos espaços, vestes e símbolos, dos hinos e cânticos. O princípio de moldar liturgia do Livro de Culto me parece uma boa base para a reflexão, crítica, aprofundamento, práxis litúrgica e a busca desta necessária unidade litúrgica e eclesial.

Referências

ADAM, Júlio César. *Liturgia com os pés: estudo sobre a função social do culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

FLM. *O culto luterano: material de estudo*. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

IECLB. *Lecionário comum revisado da IECLB*. São Leopoldo: Oikos, 2007.

_____. *Livro de Culto*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal/ASTE, 1998.

_____. Renovação litúrgica: experiências recentes na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Tear – Liturgia em Revista*, São Leopoldo, n. 24, p. 5-16, dezembro de 2007.

LATHROP, Gordon W. Culto no contexto luterano. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. A Eucaristia. In: SCHMIDT-LAUBER, H.-C. et al. (Orgs.) *Manual de Ciência Litúrgica*. v. 1. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2011.

¹¹ IECLB, 2003, p. 13.

SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. A Eucaristia. In: SCHMIDT-LAUBER, H.-C. et al. (Orgs.) *Manual de Ciência Litúrgica*. v. 2. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2013.

STAUFFER, Anita. S (Org.). *Diálogo entre culto y cultura*. Genebra: FLM, 1994.